

Adilson Vilaça, um griô na Academia Espírito-Santense de Letras

Adilson Vilaça, a *griô* At the Academia Espírito-Santense de Letras

Francisco Aurelio Ribeiro*

Adilson Vilaça de Freitas¹, desde a juventude, tem narrado aos capixabas histórias que nos comovem, ensinam e educam sobre o nosso passado, a nossa cultura e a nossa formação étnica. De origem mineira, se é que se pode chamar de Minas Gerais àquela região do contestado onde nasceu, na aldeia de Cuparaque, no Vale do Rio Doce. Ainda na década de 1950, sua família mudou-se para o Espírito Santo – Adilson viveria a infância em Ecoporanga, noroeste capixaba, cenário que marcou grande parte de seu imaginário de escritor como narrou no fabuloso romance épico, *Cartas fantasmas*.

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

¹ RIBEIRO, Francisco Aurelio. Adilson Vilaça, o autêntico contador de causos. *A Gazeta*, Vitória, 11 out. 2018. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/colunas/francisco-aurelio-ribeiro/adilson-vilaca-o-autentico-contador-de-causos-1018>>. Acesso em: 1 mar. 2022.



Adilson Vilaça (Foto sem crédito).

Em Ecoporanga, Adilson cresceu junto com os quatro irmãos, primos e agregados, ouvindo histórias no rádio e, sobretudo, as histórias contadas pela avó paterna, filha de negros e de índios krenaks, enquanto aprendia a leitura com a Dona Ruth, na escola primária. Aprendido o universo das letras, Adilson leu o *Moby Dick*, da biblioteca escolar e aí passou para os clássicos nacionais e internacionais. Seu pai trouxe de Mantena um dicionário, “o livro mais gordo que já vira”, e seu grande prazer passou a ser a descoberta de novas palavras e seus significados. Ainda criança, descobriu sua paixão por Machado de Assis, que, em sua visão infantil, era maluco e o fazia rir.

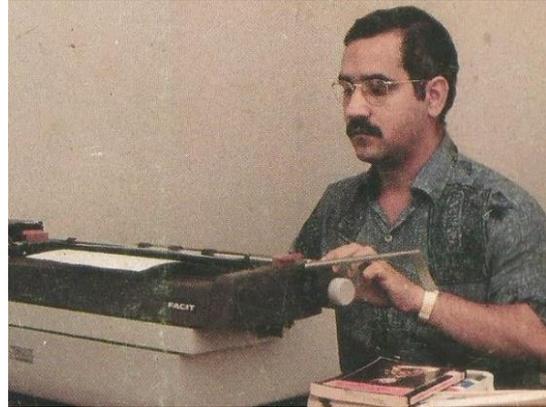
Na década de 1970, o desmatamento e a erradicação dos cafezais provocaram um imenso êxodo rural naquela região. Os 86 mil habitantes de Ecoporanga, conforme o censo de 1960, caíram para 13 mil, no censo de 1970. Muitos capixabas foram para o Mato Grosso, Rondônia ou Acre, em busca de novas terras para desmatar e viver. A família do Adilson veio para Colatina, onde estudou no Colégio Conde de Linhares e no Marista, como bolsista, por causa de sua habilidade em jogar futebol.

Como futebolista, Adilson jogou no time dos Maristas, no Colatinense e no São Silvano e pôde desenvolver sua paixão pela literatura, incentivado pelos bons professores que teve e pela boa biblioteca da escola. Lá, leu tudo que pôde, e se apaixonou pelo realismo fantástico de Murilo Rubião em *O pirotécnico Zacarias*, o que comprova a importância que as bibliotecas escolares e públicas tiveram em nossa formação de meninos pobres, criados sem livro em casa e com pais pouco escolarizados.

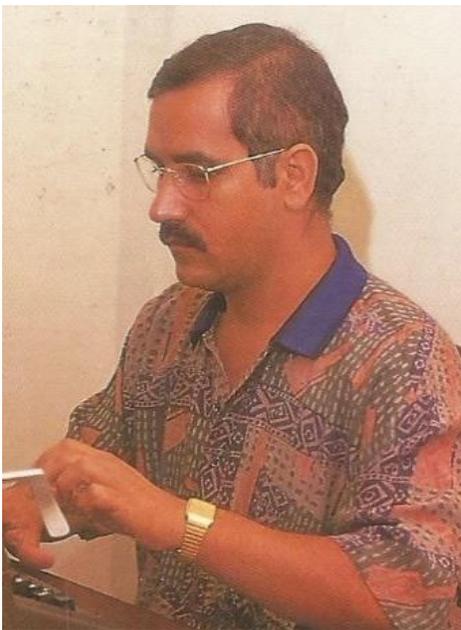
Em 1974, Adilson Vilaça foi para o Rio, onde o irmão Umberto estudava Medicina. Lá, formou-se Técnico em Química e desistiu de fazer o vestibular para Medicina. Foi para São Paulo, onde tentou sobreviver, sem se adaptar. Voltou para Colatina, em 1975, onde passou a lecionar Química. Fez o curso de Torneiro Mecânico, no Senai, e trabalhou na Companhia Ferro e Aço de Vitória (Cofavi). Em 1976, passou no Vestibular de Comunicação Social/Jornalismo, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), concluindo o curso em 1981.

Também na Ufes cursaria Especialização em História Política e o Mestrado em Letras. Além do Jornalismo, Adilson Vilaça atuou como professor universitário e pesquisador na Universidade de Vila Velha (UVV) e em outras instituições de ensino.

Entre os anos de 1980 e 1983, Adilson Vilaça venceu três concursos literários no Espírito Santo, entre eles o Prêmio Geraldo Costa Alves. Essa premiação, concedida pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, foi com o livro de contos *A possível fuga de Ana dos Arcos*, seu primeiro livro. Autor de mais de 40 títulos – contos, crônicas, novelas, romances, ensaios e pesquisas –, Vilaça recebeu do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (IHGES) o Prêmio Almeida Cousin, em 2000, pelo conjunto de sua obra.



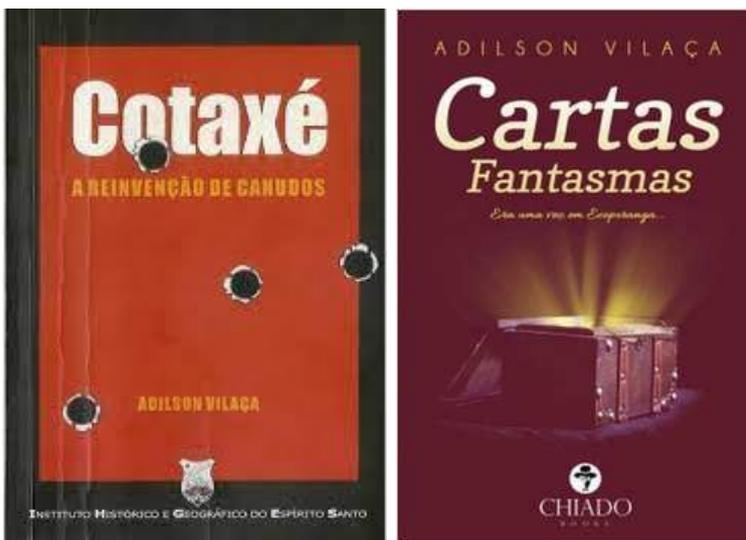
Adilson Vilaça (Fotos sem crédito).



Sua pesquisa para produzir o romance histórico *Cotaxé: romance do efêmero estado de União de Jeovah*, duraria mais de uma década, a ouvir fontes que conheceu na infância e a coligar testemunhos de novos depoentes. A delimitação temporal do romance é a primeira metade da década de 1950, com apoio no relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) levada a efeito em 1953, pela Assembleia Legislativa Espírito-Santense. No rastro da formação e da derrocada do Estado União de Jeovah, em 1962, ocorreria importante Revolta Camponesa na mesma região, sobre a qual se instalaria nova CPI a fim de apurar o massacre dos insurgentes. A repressão aos rebelados provocaria êxodo rural

de grande dimensão, que despovoaria o Noroeste capixaba de forma irreversível, de maneira a substituir a sedição por uma paz de cemitério.

Sobre a Revolta Camponesa de Ecoporanga, Vilaça escreveu em seu mais novo romance, *Cartas fantasmas*, com o subtítulo *Era uma vez em Ecoporanga*, cuja aventura histórica é uma espécie de continuidade do romance *Cotaxé*, sua obra mais conhecida e que já virou filme, documentário, tema de monografias, dissertações e teses. Com ela, Adilson revelou ao Brasil uma história desconhecida do povo brasileiro, ainda que situada na região mais rica do país. Em *Cartas fantasmas*, o autor desnuda a violência de nossa formação, colocando em xeque o mito do brasileiro cordial e pacífico.



Capas das edições de *Cotaxé* e de *Cartas fantasmas*, de Adilson Vilaça.

Adilson Vilaça é um contador de histórias, herdeiro da tradição literária de índios, africanos e europeus, um autêntico narrador de “causos”, o griô da herança africana, misto de poeta, cantor e músico ambulante, pertencente a uma casta especial que, além de cronista e detentor da tradição oral do grupo, também exerce atribuições mágico-religiosas em sua tribo, pela força espiritual de sua palavra.

Entre nós, a Academia Espírito-santense de Letras teve dois outros grãos, o saudoso Hermógenes Fonseca, o Mestre Armojo, e Renato Pacheco, o professor Renato, mestre de toda uma geração. Adilson Vilaça vem se juntar a essa trindade de grãos, que tanto enriquece a cultura capixaba.

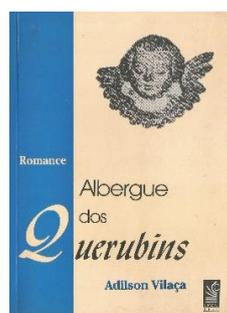
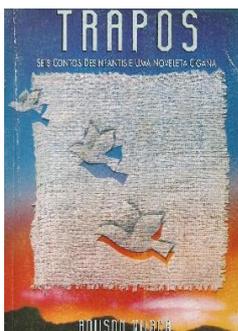
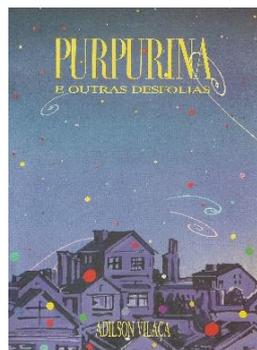
Incluído na antologia dos cem maiores escritores brasileiros de origem africana organizada pela UFMG, ao lado de Machado de Assis, Lima Barreto, Luís Gama e Solano Trindade, dentre outros, Adilson Vilaça de Freitas carrega consigo o mito africano de Ananse, a aranha que tece uma longa teia até o céu para buscar as histórias guardadas pelo deus Nyame, em sua caixa de ouro, ao lado do trono. Ananse, em sua forma humana, era velho e pequeno, mas muito esperto; comprou de Nyame o baú de ouro cheio de histórias e o levou para sua tribo. Quando o abriu, as histórias começaram a sair, uma atrás da outra, e foram-se espalhando por todas as partes do mundo. Adilson Vilaça é o guardião do baú de Nyame, o nosso Ananse em terras capixabas, e tem espalhado entre nós suas histórias, tornando nossa jornada mais suave nesta terra, que já foi a “terra sem males” dos tupis-guaranis, o “eldorado”, dos conquistadores europeus e a “Canaã” dos imigrantes.

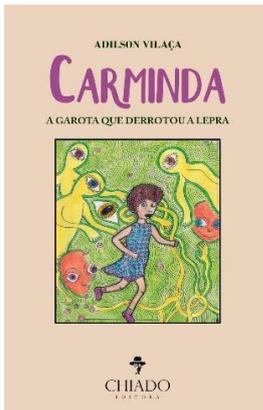
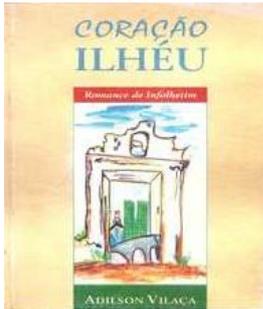


Adilson Vilaça (Foto sem crédito).

Num tempo de guerra entre irmãos, de "homens partidos", de violência generalizada, de perda de humanismo e de nossa capacidade de sonhar, Adilson Vilaça nos lembra, com suas obras, que a literatura nos humaniza, pois, segundo o mestre Antonio Candido,

[...] confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante.





Capas de algumas obras literárias de Adilson Vilça.